Sobre a experiência do passe[1]

Silvia R.R. Fontes Franco

É a partir do que foi para mim, enquanto passadora, esta intensa experiência no dispositivo do passe, que escrevo estas linhas, as quais não esgotam seus efeitos.

Lacan, em sua genialidade, criou um dispositivo inédito: o passe, cujas conseqüências na comunidade analítica provocaram ondas de reação, ao subverter a formação do analista, até então fundada numa tentativa de "tapeação do real". Sendo próprio do real "provocar seu desconhecimento, quando não produz sua negação sistemática", Lacan colocou o dispositivo do passe, "no coração da escola", envolvendo um número expressivo de pessoas da comunidade analítica que podem, e esta é a melhor das hipóteses, ir ao encontro desse real em jogo na formação do analista. Isso também explica as fortes críticas, resistências, cisões, que o dispositivo do passe encontrou por parte dos analistas didatas, de sua época até hoje.

O tema de uma apresentação de Sílmia Sobreira sobre o passe, em São Paulo, talvez resuma a importância do dispositivo do passe para a comunidade de Escola: "Algo passa no passe necessariamente". [2]

Nesse sentido, foi um feliz encontro ler, no Wunsch 4, Colette Soler afirmar: "que, em matéria de passe, os dispositivos não são tudo, são somente um meio [...] [...] e que a maior finalidade do passe não é a de funcionamento, tampouco de seleção de novos AE, mas diz respeito às conseqüências propriamente analíticas deste passe para a comunidade de Escola".[3]

Em nossa Escola, na EPFCL, cabe ao AME designar os passadores entre seus psicanalisandos. O passador é designado por seu analista, sem tê-lo demandado ou consentido em tal designação. Tal designação não é, em absoluto, uma nomeação, não é um "ato instituidor", diria até mesmo o contrário, é um ato que, como todo ato analítico, descompleta o saber do psicanalisando e, nesse sentido, aponta para a destituição, para a saída do sentido, ao mesmo tempo em que aponta para o sentido/direção da saída.

[1] Texto apresentado para o debate no VII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano: O Momento do passe

[2] Sobreira, Símia – 2006. Espaço Escola – FCL - SP.

[3] Soler, Colette. Wunsch 4, Boletim Internacional da Escola Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, Maio de 2006

Lacan precisa que "O passador é um psicanalisante que o analista considera estar no passe onde precisamente advém o desejo do analista, quer ele esteja ou não em dificuldades". Na Proposição[4], Lacan nomeia uma dessas dificuldades de "sombra espessa" e explica que o dispositivo do passe tem como objetivo "pôr fim" a essa sombra espessa, o véu que cobre e oculta o momento em que o analisante se torna analista.

Ao me perguntar sobre o que causou o efeito de surpresa, que envolveu a notícia da minha designação como passador, o que ficou esclarecido foi o lugar em que o sujeito se colocava na relação transferencial. O que o sujeito espera na relação transferencial até o "termo" dessa relação, até a "conclusão de impossibilidade"[5], "é um complemento de ser, para satisfazer o sujeito como falta a ser"[6] - expressão de Antonio Quinet. A surpresa é, pois, um acontecimento que não está previsto. Algo da ordem: "O analista não entendeu nada!". O sujeito aguarda o complemento e o ato descompleta.

Ao consentir em participar desse dispositivo, deparei-me com os vários momentos que envolvem este trabalho: as entrevistas com o passante, a elaboração do que foi escutado, o encontro com o cartel do passe e o depois. Em todos esses momentos de trabalho solitário, a única "garantia" era apostar no que só a análise pode fazer suportar, ou seja, como nos ensina Lacan, que "o não-sabido se ordene como moldura do saber"[7]. Uma aposta, portanto.

A partir dessa aposta, num certo consentimento ao limite, a função do passador, que não é nada simples, torna-se possível.

Mas o que é essa função/posição do passador no passe?

Penso que o que quer que possa ser dito sobre a função do passador, todas as declinações possíveis sobre essa função só encontram sustentação, ancoramento, a partir desses dois operadores: "a destituição subjetiva" e "o não saber". É então a partir de onde se sustenta, mesmo sem saber, que será possível ao passador não contaminar o dispositivo, seja com sua idéia sobre o final de análise, seja com sua fantasia, com suas convicções, e que não responda do lugar da transferência, caso ela surja no testemunho do passante.

Nos Escritos[8], Lacan nomeia esse não saber, de "o saber destituído", um saber que ainda não é sabido e que nem por isso é

[4] LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967, p 258. In: Outros Escritos.

[5] Soler, Colette. A interpretação do fora-do-discurso, Revista Heteridade, 1, p.60,2001.

[6] Quinet, Antonio. O desejo do analista e o termo da transferência. Stylus1, p.19, 2000.

[7] LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967, p 254. In: Outros Escritos.

[8] Ibid., p.254

menos articulado. Bernard Nominé, ao se interrogar sobre a natureza daquilo que passa (no passe), comenta que: "O que passa é sem dúvida mais da ordem do não sabido, algo que nem por isso é menos articulado logicamente, é o não sabido colocado em perspectiva e ordenando, com isso, os significantes da história do sujeito. (...) Esse não sabido deixa um lugar vazio no qual cada um (passante, passador e membros do cartel) pode alojar seu trabalho e participar na elaboração coletiva de um saber[9]".

Então, se o passador se sustenta no dispositivo a partir de sua destituição, esta o leva não apenas à posição de mensageiro ou a um trabalho de transcrição, mas como aponta Lacan em 1974[10], na Nota sobre a eleição dos passadores, a construir um saber com seu inconsciente, a partir de sua análise. E Lacan pergunta: (...) será que ele (o passador) dará testemunho que está a serviço de um desejo de saber?

Rithée Cevasco[11], comentando esta função do passador, que implica em testemunhar e transmitir, ocupar funções distintas, relata: "O passador se sustenta numa posição de destituição subjetiva e, por outro lado, se presta a "encarnar", a dar a voz ao trajeto pulsional. Ao mesmo tempo implica em preservar-se dos efeitos excessivos de gozo que isso poderia induzir.(...) (...) o passador se presta (em ato) a esse trajeto da pulsão invocante: ouve(passividade) , é ouvido(suas perguntas ativas para o passante), e faz-se ouvir (pelo cartel)".

No momento do passe, trata-se de verificar a passagem de psicanalisando a psicanalista, mas o que se extrai de um dispositivo, em seus efeitos - nunca é demais insistir -, vai muito além deste ponto, vai muito além da nomeação ou da não-nomeação. Entendo que seja por isso que Lacan propõe, para o dispositivo do passe, a estrutura de um cartel, o que aponta para o *status* particular do saber na psicanálise, para a possibilidade de elaboração desse saber e a exposição dos resultados para a Escola.

Finalizando, é impossível não voltar aqui a falar da genialidade de Lacan, que, ao instalar mais essa "lâmina cortante" que é o dispositivo do passe, reitera a minha relação e escolha pela psicanálise.

[9] Nominé, Bernard. O Passe e a análise finita. Buenos Aires, Encontro Internacional, Julho de 2004.

[10] Lacan, Jacques. (1974). Nota sobre a eleição dos passadores.

[11] Rithée Cevasco. Wunsch 4, Boletim Internacional da Escola Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, Maio de 2006

referências bibliográficas

Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Lacan, Jacques. (1967) Discurso na escola Freudiana de Paris. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Lacan, Jacques. (1974). *Documentos para uma Escola*. I e II. Letra Freudiana. Circulação interna.

Lacan, Jacques. (1974). Nota sobre a eleição dos passadores.

Miranda, Elisabeth da Rocha. *Estilete*. n.5,p.22-24,2002.

Quinet, Antonio. O desejo do analista e o termo da transferência. *Stylus*. Rio de Janeiro, n.1, p.11-20, 2000.

Quinet, Antonio. Função passador. *Estilete*. n.6,p.24-25,2003.

Soler, Colette. A interpretação do fora-do-discurso, *Heteridade*. Rio de Janeiro, n.1, p.53-61, 2001.

Soler, Colette. Variantes da destituição subjetiva. *Stylus*. Belo Horizonte, n.5,p.11-38,

Nominé, Bernard. *O Passe e a análise finita*. Trabalho apresentado no Encontro Internacional, 2004, Julho, Buenos Aires, Argentina.

Nominé, Bernard. Campo Freudiano, Campo Lacaniano. Heteridade.Rio de Janeiro, n.1.p.44-51,2001.

Wunsch 4. *Sobre o passe*, Boletim Internacional da Escola Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, Maio de 2006.

resumo

Neste texto, parto de minha experiência como passadora no dispositivo do passe, para destacar as conseqüências deste dispositivo para a comunidade de Escola.

palavras-chave

Escola. passe, passador

abstract

In the present text, I start from my experience as a passer in the pass device, in order to detach the consequences of this device for the School community.

key Words

School, pass, passer

recebido

25/02/2007

aprovado

28/05/2007